
Apresentação

Saudamos com evidente prazer o aparecimento desta Revista de História Regional, projeto e realização de um grupo de jovens e competentes historiadores do Núcleo de História Regional que engloba professores e pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora, bem como de outras instituições de ensino superior. E já não era sem tempo, tendo em vista o avanço quantitativo e qualitativo da pesquisa histórica em nível local/municipal no Brasil, a partir do final do anos Setenta. Em pouco mais de duas décadas aprofundou-se o conhecimento de nossa História vinculada ao meio rural brasileiro e suas raízes agrárias.

A iniciativa agora concretizada vem cobrir uma lacuna que se tornara particularmente sentida a partir do momento em que se fundaram Universidades "interiorizadas" propiciando a emergência de uma comunidade acadêmica mais numerosa, mais jovem, moderna e dinâmica, voltada para as suas raízes culturais e para a pesquisa científica cada vez mais aperfeiçoada. Na medida em que os cursos de pós-graduação ganham corpo e se ampliam, torna-se patente a sua capacidade de irradiação. Descentraliza-se, cada vez mais, a produção do conhecimento e isto é muito bom. O surgimento do Núcleo de História Regional, voltado para a sua Zona da Mata, é fruto pois de um longo trabalho de maturação intelectual, aliado ao esforço no sentido de formar seus pesquisadores, mestres e doutores, segundo a melhor tradição da metodologia da História e de suas preocupações teóricas, ontem e hoje.

Neste primeiro número, temos a oportunidade de conhecer o que de melhor foi produzido nos últimos anos: Mônica Ribeiro de Oliveira preocupada com a formação do mercado interno e suas relações com a produção agroexportadora na Zona da Mata; Anderson Pires, autor de uma tese importante sobre a formação do capital agrário entre 1870/1930, permite-nos penetrar na complexidade da economia centrada no café e em suas instâncias de intermediação financeira; Cláudia Maria Ribeiro Viscardi apresenta um trabalho pioneiro sobre a Força Pública de Minas Gerais evidenciando controle das suas fontes e das suas hipóteses, numa visão abrangente da História Social; Maria Tarcília Ferreira Guedes aborda com sensibilidade e inteligência, no contexto do movimento modernista, o estudo do Grande Hotel de Ouro Preto; Alexandre Mansur Barata volta ao tema do movimento republicano (1870/1910), enfocando o papel significativo da maçonaria; Marcos Olender, arquiteto e historiador, faz uma incursão pertinente e necessária na relação entre arquitetura, história e vida; Ignácio Delgado analisa aspectos da ideologia empresarial mineira no meado do século atual e suas aspirações de independên-

cia econômica; Maraliz de Castro V. Christo tece um painel significativo sobre a pintura em áreas cafeeiras e Vanda Arantes uma análise pertinente sobre a arquitetura da industrialização.

Temos, assim, diante de nós um amplo painel da produção historiográfica mineira mais recente, enfocando temáticas ricas e variadas e trazendo a contribuição mais atual, através da revisão historiográfica feita de forma crítica e construtiva. Da história agrária rica e profunda de Anderson Pires à história de cunho político de Cláudia Maria Ribeiro Viscardi ou de Alexandre Mansur Barata, passando pelas preocupações de uma história social multifacetada e atual como a de Maria Tarcília Guedes, de Marcos Olender e de Ignácio Delgado, entre outros, nota-se uma preocupação séria com a produção historiográfica, com a possibilidade de novos enfoques, mas, sobretudo, o interesse em desenvolver o trabalho universitário, de gerar e renovar conhecimentos com seriedade e indiscutível domínio do *fazer história*.

Saudamos este primeiro número na certeza de que ele se assenta em sólidas bases: o programa de estudos e pesquisas do Núcleo de História Regional, a competência e entusiasmo de seus pesquisadores e a comprovada credibilidade de seus editores. Pessoalmente, sinto-me envolvida no projeto. Entre 1977 e 1980, dirigi o Programa de História da Agricultura Brasileira no Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola da Fundação Getúlio Vargas/RJ, então sob os auspícios da SEPLAN/Ministério da Agricultura; a partir de 1980 até recentemente, e na companhia de Ciro Flamarion Cardoso, coube-me também conduzir a linha de pesquisa em História Agrária, montada em moldes regionais e assentada numa tipologia de fontes municipais, em âmbito nacional. Pudemos, assim, graças ao incansável trabalho de nossos alunos, avançar os estudos do mundo rural brasileiro (o trabalho escravo, a produção de alimentos, os sistemas de uso e posse da terra, a estrutura fundiária, a fronteira agrícola, os mercados internos) e concretizar a realização de mais de cinquenta teses de mestrado e doutorado. Dizíamos, então, que estávamos interessados em revelar o "lado oculto da lua", sempre encoberto pela Casa-Grande, pela agricultura nobre de exportação, pelos processos geradores de acumulação. Mesmo ao estudarmos as fortunas, interessava-nos saber porque éramos pobres, como se agitava o mundo das senzalas, como se manifestava a expropriação da terra e do direito de trabalhar.

A Revista de nossos historiadores da Zona da Mata mineira reflete várias daquelas preocupações, especificamente evidentes nos trabalhos de Anderson Pires e de Mônica Ribeiro de Oliveira. Outros virão, por certo, traduzindo novas e velhas preocupações e revelando ricas perspectivas de abordagens sempre renovadas.

Maria Yedda Leite Linhares
Professora Titular Emérita/UFRJ